

O CURRÍCULO OCULTO E SUA IMPORTANCIA NA FORMAÇÃO COGNITIVA E SOCIAL DO ALUNO

Fernanda de Campos Pinto
Luís Eduardo Gauterio Fonseca

RESUMO: O presente artigo apresenta uma reflexão sobre as aprendizagens resultantes das relações interpessoais que se desenvolvem no âmbito escolar, especialmente aquelas que emergem de situações cotidianas e não se encontram previstas ou prescritas no conjunto de saberes que é concebido no currículo formal, dando origem aquilo a que chamamos de currículo oculto, e que são significativas e essenciais ao desenvolvimento cognitivo e social dos alunos.

Palavras-Chave: Educação. Currículo Oculto. Aprendizagem Significativa

1. INTRODUÇÃO

A Escola é o ambiente no qual acontece a humanização e a socialização dos indivíduos e é no ambiente escolar que se desenvolve grande parte das habilidades, compartilha-se novos saberes, conhecimento e onde o indivíduo pode ampliar sua capacidade de enxergar o mundo que o cerca. De acordo com Dias (2008), a escola é um lugar privilegiado no qual um conjunto de atividades é desenvolvido de forma metódica, continuada e sistemática, correspondendo à formação inicial do indivíduo, dando a ele condições de se posicionar frente ao mundo que o cerca. A este conjunto de conhecimentos que emergem da escola chamamos currículo. Para Lopes e Macedo (2011, p. 71), o conhecimento pode ser compreendido como um conjunto de “concepções, ideias, teorias, fatos e conceitos submetidos às regras e aos métodos consensuais de comunidades intelectuais específicas. ”

2. CURRÍCULO FORMAL

O currículo formal refere-se ao currículo estabelecido pelos sistemas de ensino, é expresso em diretrizes curriculares, objetivos e conteúdos das áreas ou disciplina de estudo.

O currículo, por se tratar de um conjunto de saberes selecionados, funciona como instrumento modificador do indivíduo e influencia a formação das pessoas, sendo um fator determinante no desenvolvimento do processo de

ensino e aprendizagem, bem como na produção do conhecimento nas dimensões individual, cultural e social. Os saberes que compõem o currículo devem estar conectados de forma a possibilitar que a educação cumpra seu objetivo. Ele deve então levar em conta o desenvolvimento e a maturidade dos alunos, bem como suas atividades e experiências.

De acordo com Pacheco (2007, p. 48) o termo currículo vem do latim *curriculum* e seu significado remete à “lugar onde se corre ou corrida, derivado do verbo *currere* que quer dizer percurso a ser seguido ou carreira.” Podemos então compreender o significado de currículo como sendo referencia “a um curso a ser seguido, a um conteúdo a ser estudado”, ou seja, indica “uma sequencia de conteúdos definidos socialmente, com base em sequencias definidas para o processo de aprendizagem”.

Podemos compreender que o currículo trata-se de um conjunto de atividades que visam transformar o mundo e deve estar articulado a uma prática reflexiva e considerar que nele interagem relações culturais e sociais.

De acordo com Sacristán, pode-se compreender o currículo como uma dimensão educativa complexa, na qual é necessário conhecer práticas “políticas e administrativas que se expressam em seu desenvolvimento, às condições estruturais, organizativas, materiais, dotação de professorado, à bagagem de ideias e significado que lhe dão forma e que o modelam em sucessivos passos de transformação” (SACRISTÁN, 2000, p. 21). Ainda, segundo o autor, o cruzamento dessas práticas, distintas entre si, convergem à prática pedagógica da sala de aula que, por sua vez, contribui diretamente à constituição do conhecimento escolar e do conhecimento individual. O significado real do currículo é, portanto, construído a partir de todos esses contextos.

O currículo que chamamos formal pode então ser compreendido como o ponto central da prática pedagógica por permitir a discussão e definição de qual conhecimento é válido ensinar. Ele varia conforme o tipo de modelos de ser humano, de conhecimento, sendo, conforme nos afirma Silva (2010) além de se tratar de uma questão de conhecimento, uma questão de identidade. Desta forma, ainda segundo Silva (2010) o currículo e sua concepção em suas várias dimensões tem impacto direto na formação das pessoas, uma vez que

ele é capaz de modificar comportamentos, conduzir caminhos e, ao mesmo tempo, repercutir na identidade e nas práticas sociais dos sujeitos.

O objetivo principal que o currículo tem é o de produzir influências diretas e significativas na prática pedagógica. Ele consiste, portanto, em um conjunto de experiências vivenciadas pela pessoa, as quais são capazes de modificar comportamentos que repercutem na identidade desse indivíduo. Nesta linha de pensamento, para Sacristán (2000), o currículo é uma prática, expressão da função socializadora e cultural que determinada instituição tem, que reagrupa em torno dele uma série de subsistemas ou práticas diversas, entre as quais se encontra a prática pedagógica desenvolvida em instituições escolares que chamamos de ensino. É uma prática na qual se estabelece diálogo entre agentes educacionais, compostos de elementos técnicos, alunos e suas reações frente ao currículo e professores que o adaptam e modelam conforme fluir da prática pedagógica em sala de aula.

É, então, em meio a essa modelagem de propostas curriculares, que se pode definir, grosso modo, o tipo de sociedade e de cidadão se quer construir por meio do espaço escolar. Ou ainda em outras palavras, é em meio à construção das dinâmicas curriculares que se define a sociedade e o indivíduo. A construção ou definição destas propostas, no meio das quais são selecionados conteúdos, vão auxiliar os indivíduos a compreenderem de forma mais ampla e abrangente a sua história e o mundo que as cercam. Neste sentido, Segundo Perrenoud (1995), o currículo chamado formal direciona e de certa forma controla o processo educativo no qual ele é utilizado como norteador das práticas pedagógicas cotidianas e da avaliação. Para ele:

[...] A cultura que deve ser concretamente ensinada e avaliada na aula é apenas balizada pelo currículo formal. Este apenas fornece uma trama, a partir da qual os professores devem elaborar um tecido cerrado de noções, esquemas, informações, métodos, códigos, regras que vão tentar transmitir. (PERRENOUD, 1995, p. 42-43).

Podendo então o currículo ser compreendido ainda como campo político-pedagógico no qual as diversas relações entre os sujeitos, conhecimento e realidade constroem novos saberes e reconstroem-se a partir dos saberes produzidos e considerando essas relações, não se pode tão somente priorizar os conteúdos selecionados.

O currículo vai abarcar pelo menos três dimensões maiores, segundo Perrenoud (1995). A primeira dimensão é a chamada prescritiva, que é aquela que nasce de uma análise da realidade do processo educacional em um determinado contexto, chegando até as práticas orientadas por tal prescrição desenvolvidas no cotidiano da sala de aula. Há ainda a dimensão real, que é a que acontece na aplicação prática do que foi prescrito e há ainda a dimensão oculta, que emerge de situações não previstas e que corroboram para formação sócio-cultural do indivíduo.

O currículo não se encerra na dimensão planejada ou prescritiva. Não se limita a concretização do planejamento. Ele é diretamente afetado pelas reações e iniciativas dos alunos, o que exige por parte do professor um trabalho de improviso em sala de aula para manutenção do curso e das intenções educacionais. Neste sentido surge uma segunda dimensão chamada de currículo real. Perrenoud (1995) afirma que:

[...] O currículo real nunca é a estrita realização de uma intenção do professor. As actividades, o trabalho escolar dos alunos escapa parcialmente ao seu controle, porque, no seu percurso didáctico, nem tudo é escolhido de forma perfeitamente consciente e, sobretudo, porque as resistências dos alunos e as eventualidades da prática pedagógica e da vida quotidiana na aula fazem com que as actividades nunca se desenrolem exactamente como estava previsto. (PERRENOUD, 1955, p.51)

Assim, Perrenoud (1995) indica que com esse distanciamento entre o prescrito e o executado, surgem novas situações e temas, não previstos nem planejados. A este conjunto de saberes que emergem no momento da atividade em sala, das situações vivenciadas, chamamos currículo oculto.

3. O CURRÍCULO OCULTO

Com base nas reflexões ora já realizadas, destaca-se que fazem parte também do currículo todos os ensinamentos que não foram prescritos ou planejados, mas que se surgem por meio de práticas e condutas influenciadas pelas pessoas que participam do processo. A estes ensinamentos não prescritos ou planejados, denominamos currículo oculto.

O currículo oculto é então a dimensão implícita do processo educacional, sendo sua mensuração de difícil concepção e consiste em fatos que emergem no cotidiano escolar que foge ou vão além daquilo que foi prescrito e planejado.

Giroux (1986) propôs três bases fundamentais que permitem compreender melhor como se dá o processo de concepção do currículo oculto no ambiente escolar:

As escolas não podem ser analisadas como instituições removidas do contexto socioeconômico em que estão situadas; As escolas são espaços políticos envolvidos na construção e controle do discurso, dos significados e das subjetividades; Os valores e crenças do senso comum que guiam e estruturam a prática escolar não são universais a priori, mas construções sociais baseadas em pressuposições normativas políticas (GIROUX, 1986, p. 70).

Segundo Perrenoud (1995) os ensinamentos transmitidos de maneira subliminar, ou seja, aqueles que não foram prescritos nem planejados de acordo com o currículo prescrito, mas que emergem por meio de práticas e condutas influenciadas pela identidade dos agentes envolvidos no processo também fazem parte do currículo.

As situações de aprendizagens que acontecem no ambiente escolar nas quais os alunos se apropriam de conhecimentos que não estão previstos ou não prescritos nem pretendidos anteriormente, chamados de conhecimentos implícitos implica que eles alcancem certos princípios de conduta, normas sociais e modos de pensar. Essas aprendizagens, que são apreendidas no domínio do não-dito, mas da ação, constituem-se nos conteúdos do currículo oculto ou escondido, como afirma Perrenoud (1995).

Assim, na concepção de um currículo oculto, as suposições em sala de aula são tácitas e incidentais, dependem da dinâmica e do contexto no qual a aula acontece, sendo o papel do professor fundamental neste contexto, uma vez que cabe a ele a sensibilidade de utilizar no momento um acontecimento ou assunto trazido a tona, que não tendo sido planejado, surge em consonância com temas importantes para formação do indivíduo.

Fica clara então a ligação estreita entre o currículo real e o currículo oculto. Perrenoud (2005) afirma que a abordagem a partir do currículo real, ou seja, a partir da operacionalização do currículo prescrito, e da experiência de vida, tem impactos diretos no papel do professor, uma vez que, para ele, “se ensinamos o ‘que somos’, segundo uma fórmula que convém tanto à educação quanto à sociedade, o primeiro recurso da escola seria o grau de cidadania dos professores”.

Destaca-se, no entanto, que por muito tempo o currículo oculto foi aquele compreendido como sendo de caráter não intencional, no entanto, muito pensador da educação tem colocado em cheque a sua não intencionalidade, tendo em vista que a escola não é um ambiente neutro.

O comportamento profissional dos professores está mais ligado com os efeitos ocultos das práticas e das instituições em que se formaram, do que com os conteúdos explícitos do currículo com que se pretendeu prepará-los. (SACRISTAN E GOMEZ, 1985, p. 18).

Para alguns autores, como Brandalise (2007) o currículo oculto pode ser compreendido como aqueles elementos não explicitados no fazer pedagógico, mas que tem impacto intenso na formação do indivíduo e no direcionamento do sistema educacional, contribuindo tanto para a manutenção, quanto para mudança da ordem social estabelecida.

A natureza do currículo oculto está presente, mas não explicitada, na forma do ensino e formação do cidadão. Por meio das experiências e da sistemática com que se trabalha no currículo oculto, os valores culturais, econômicos e políticos são camuflados e aparecem sutilmente na organização curricular (SOUZA E ARAÚJO, 2013)

O professor, por meio do seu comportamento e atitudes dissemina no ambiente escolar saberes, valores, práticas e ideologias que não estão prescritos no currículo formal e que são ensinados de forma implícita, subjetiva e até mesmo subliminar. No entanto o currículo oculto se manifesta muito além do comportamento e atitudes do docente. Ele se manifesta “por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes” (SILVA, 2003, p. 78).

De acordo com Souza e Araújo (2013), as interações da vida escolar determinam o currículo oculto, logo percebemos que o reflexo das relações sociais ocorre diretamente na forma de como os conteúdos são postos e trabalhados em sala de aula, sendo que os valores culturais, econômicos, políticos e sociais influenciam de maneira eficaz para a influência do currículo oculto que permeia a nossa realidade de ensino, subtraindo dos estudantes o desenvolvimento de uma capacidade crítica de análise da vida social. Assim, a

prática docente é um dos instrumentos mais eficazes para uma boa formação do aluno.

CONCLUSÃO

A partir das reflexões e conceitos aqui expostos, percebemos a importância de se compreender o que é currículo no contexto escolar e como ele impacta na formação do aluno, tanto na formação escolar como em sua formação social, emocional, relacional, dentre outras. Também se observa a existência de dois tipos de conhecimentos, o conhecimento curricular ou escolar e o conhecimento não escolar, que é vivenciado da escola por meio do que chamamos currículo oculto. A formação do indivíduo está relacionada não somente com os saberes ou conhecimentos escolares formalmente estabelecidos no currículo prescritivo, mas é amplo e envolve situações que emergem do cotidiano escolar, cabendo ao professor a sensibilidade para fazer a integração destas situações ao currículo real, aquele que acontece em sala de aula.

O papel do professor é fundamental neste sentido, por ter como principal motivação conduzir o aluno ao processo pedagógico considerando que este aluno já traz um conjunto de saberes. Cabe ao professor a sensibilidade de utilizar, em meio ao fazer pedagógico em sala de aula, situações e saberes que emergem de experiências de interação social, significação e resignificação, indo além do que foi prescrito.

Assim, em consonância os agentes escolares poderão construir a escola que em seu conjunto deverá propiciar um ambiente organizador para favorecer uma aprendizagem qualitativa e reflexiva, permitindo aos estudantes o papel de protagonista no desenvolvimento da aprendizagem. Para tanto a que se ter especial atenção quanto aos currículos adotados, assim a escola estará desenvolvendo sua principal função social, que é a formação de indivíduos críticos e capazes de reconhecerem estruturas que visem dominar e perpetuar a relação de dominadores e dominados.

O currículo é, portanto instrumento orientador do desenvolvimento da educação em determinado contexto social. Neste processo, observa-se que nenhum currículo é ingênuo, uma vez que a elaboração deste é revestida dos

ideais e concepções de sujeito que a escola defende e dos agentes que a compõem. A sistematização dessas concepções consiste no currículo formal, que, por meio de prescrições, baliza as práticas pedagógicas cotidianas com vistas a alcançar seus objetivos, ou seja, formar sujeitos de acordo com seus ideais.

REFERÊNCIAS

BRANDALISE, Mary Ângela Teixeira. **Currículo e práticas pedagógicas**. Ponta Grossa: UEPG, 2007.

DIAS, A. A. A escola como espaço de socialização da cultura em direitos humanos. In: ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares, et al. **Direitos humanos: capacitação de educadores**. Fundamentos Culturais e educacionais da educação em direitos humanos. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008, v. 2, p. 157-161.)

GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação** (para além das teorias da reprodução) Petrópolis, Vozes, 1986.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

PACHECO, M. M. D. R. **Currículo, interdisciplinaridade e organização dos processos de ensino**. Fundação Hermínio Ometto / Uniararas, 2007.

PERRENOUD, P. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, T. T. & MOREIRA, F. (Orgs.) **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 82-113, 1995.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.